

DAADIM

LATNUA'

מחזורי 0'97

Especial

Editorial

Comitê que fomos à luta

Brocheil em guerra

Uma noite nas trincheiras

Fragmentos

Na Conquista de Gaza

Mas a Vida Continua

O povo em luta

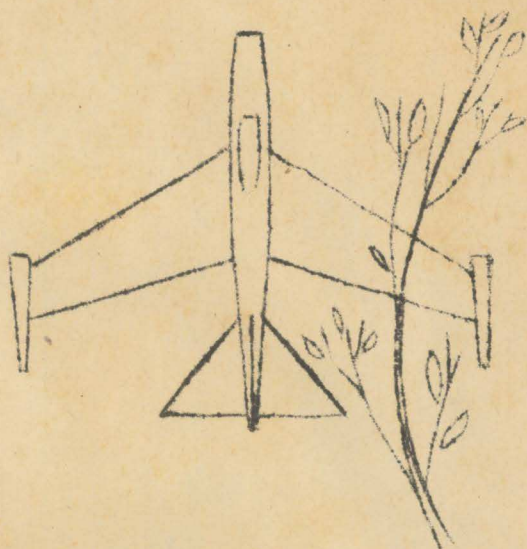
Diários de Combate

O Movimento e a Presente luta

In Memoriam

EDITADO PELA VAADAT HATNUVA'. EROR THAIL, 6 DE NOV. 1956

ICHUD HANOAR HACHALUTZI



EDITORIAL-

Oito anos Israel foi agredida, ameaçada, boicotada, cercada. Durante 8 anos os acordos de armistício, que deveriam tornar-se paz definitiva, foram sistemática e violentamente violados.

Bandidos e terroristas, sob incentivo ou mando direto das autoridades árabes, roubaram e mataram. A propaganda oficial árabe espicou e difundiu o ódio a Israel, transformado em fundamento de sua política e poder. Rigoroso boicote econômico, bloqueio marinho e manobras político-diplomáticas, tentaram seguidamente destroçar e arruinar o novo estado.

O mundo assistiu a tudo inerte. Aqui ou ali, ouviram-se fracas vozes de protesto. Mas os cálculos políticos internacionais colocavam de lado os interesses egoístas de cada um e do outro a justiça e o direito. E na arena internacional, no mundo de nossos dias, estes dois são excessivamente etéreos, com pouco peso.

Os países árabes armaram-se até a ruína de suas finanças. Firmaram pactos de unidade; reuniram os seus exércitos sob comando unificado. Sempre declarando, aos altos brados, que havia que destruir Israel. Que o momento não tardaria e a oportunidade não passaria em vão.

Que país no mundo, que outro povo, se conteria durante tanto tempo, aguardando a auto-destruição. Nós esperamos 8 anos. Alertamos o mundo e exigimos providências. Mas o que valeram as declarações e os pedidos de um país pequeno?

Então, quando a qualquer momento estouraria o golpe agressor, o punho de Israel - TZAHAL - desceu sobre o inimigo com todo o seu peso e com toda a força represada durante oito longos e sangrentos anos. Em rápidas e vigorosas manobras atacou o inimigo em seu próprio ninho de víboras. Num avanço rapidíssimo - que ficará na história moderna como exemplo de planificação e realização militar - destroçou as forças do inimigo, com todas as suas armas modernas e ameaças arrogantes. Em cinco dias o Exército de Defesa de Israel atingiu o agressor em suas bases, destruindo-as até a raiz. A promessa de Ben Gurion que a guerra de carnificina que Nasser preparava nos a tomaríamos em uma luta ofensiva no território inimigo, cumpriu-se plenamente, com desfecho brilhantíssimo.

Então o mundo despertou e o "direito internacional" ficou gasto de tanto uso.

Mas quem pode nos julgar?

A URSS, "amante da paz", que forneceu ao fascista Nasser, armas modernas, apoio material e moral, apesar de todas as declarações guerreiras, claras e repetidas do ditador? A URSS "anti-imperialista", que ao mesmo tempo que sufoca em sangue a independência da Hungria, procura tirar França e Inglaterra da

região, para substituí-las. A URSS comunista que dá a mão ao homem que desde o início de seu poder fuzilou operários conscientes e mantém seu país sob o tacão duma ditadura militarista?

Ou os EEUU que, ao mesmo tempo que negavam armas a Israel para a sua defesa, enviavam tanques para a Saudia e aviões para o Iraque, em nome de compromissos anteriores? Os EEUU que fazem jogo duplo com os seus aliados, procurando, rápido e grosseiramente substituí-los em seus antigos domínios?

Ou a Inglaterra colonialista que constantemente justificou as agressões árabes contra nós, - até o momento em que nossas previsões sobre Nasser se realizaram e a "idealista" Albion foi atingida em seu ponto mais vulnerável?

Ou os assim auto-apelidados "neutralistas", tipo Nehru e Tito, que deram a mão ao ditador árabe, desprezaram o direito de livre navegação para Israel, endossaram o terrorismo egípcio "fizeram ouvidos moucos para os ataques dos "fy-daim" ?

Ninguém pode e ninguém o permitiremos. O direito de auto-defesa é sagrado para cada país e quem não o exerce não é digno de sua independência. Nós tivemos paciência. Mas no fim tivemos que sair para lutar pela vida !

E lutamos como leões. Lutamos e vencemos ! Afirmemo-lo com orgulho, o orgulho de todo judeu.

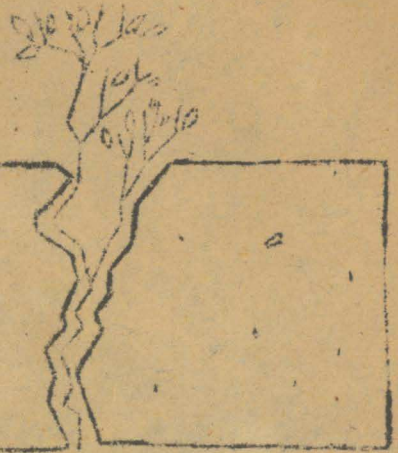
Agora a questão é saber se este será o último ato e se poder-se-á iniciar uma época nova em toda região - como sempre foi de nosso desejo e para o que podemos contribuir como ninguém, com o exemplo vivo e a influência ativa de uma democracia progressista e de uma civilização adiantada. As manobras militares foram suspensas e as negociações políticas se desenvolvem tensas. Difícil saber o que será.

Mas duma coisa estamos certos. Israel não permitirá que se repitam mais 8 anos como os que terminaram.

Desta vez exigimos Paz definitiva, fronteiras de fato, relações normais de vizinhança, livre navegação através do Canal de Suez e no estreito de Eilat, fim do bloqueio econômico, fim da incitação de ódio, aproveitamento total das águas do Jordão, - (desnecessárias para a Síria e vitais para o nosso desenvolvimento) arranjo definitivo e construtivo do problema dos refugiados.

Somente assim, esta região chegará à paz e estabilidade. Somente assim a prosperidade e o progresso frutificarão no Oriente Médio. Somente assim livrar-nos-emos, árabes e judeus, - cujo destino histórico terá que ser comum, como filhos da região, partes do Oriente Médio e da Asia - do jugo do imperialismo.

COMO E PORQUE FOMOS PARA A LUTA



Ha algumas perguntas que formularemos e tentaremos responder, ao redor da luta no Oriente Médio.

- 1) Quem é o agressor e quem é o agredido, no presente conflito?
- 2) O que levou ao rompimento das hostilidades?
- 3) Qual a nossa ligação com França e Inglaterra?

Esta guerra, durante longos anos os árabes a atigaram e prepararam. Anos de banditismo contra nossa população civil, de roubos e sabotagens, noites de terror. Anos de propaganda interna e externa clara e abortamento dirigida para a preparação de nosso extermínio. Anos de fechamento de vias terrestres, marítimas e aéreas, bloqueio de nossa saída para o mar pelo caminho de Eilat e passagem pelo canal de Suez. De boicote econômico e pressão comercial contra as firmas e países estrangeiros que conosco negociassem.

E quando agora, acalmada a tensão no Canal de Suez - sem que nos tivéssemos obtido o direito da passagem por ele - reiniciou-se o terror contra nossa população civil e estabeleceu-se um comando militar unido de nossos vizinhos contra nós, a possibilidade de aguentar a pressão atingiu o extremo: pegamos nas armas para defender nossa existência.

Nossa guerra é uma guerra de defesa. Determina-a, não o que nos trará nossa vitória militar, mas o que representaria para nós uma derrota. Ao contrário dos países árabes, nós, partindo para a luta armada, a respeito dos resultados de nossa vitória podíamos estabelecer apenas conjecturas, mas a respeito de nossa derrota havia uma certeza: ela representava uma ameaça de extermínio. Nossos inimigos não querem apenas nos vencer: querem eliminar-nos do Oriente Médio. Não partimos para uma guerra de conquista, mas para uma luta de sobrevivência. Isto se chama guerra de defesa.

Como foi que se criou uma situação destas?

Há dois tipos de causas. Causas gerais, amplas, e causas particulares, bem definidas. Começando pelas primeiras, as gerais, explica-se a nossa não-aceitação no Oriente Médio pelos árabes (a) pelo fato de que aos olhos de nossos vizinhos é Israel um elemento estranho, incômodo, novo, e todo novo é suspeito aos olhos da mentalidade essencialmente feudal da classe dominante árabe. Israel, com sua atividade, seu dinamismo, é um mau exemplo de hábitos diferentes, de democracia, independência feminina, direitos sociais, tudo coisas que claramente abalarão a comodidade do "status-quo" longa e tradicionalmente estabelecido no Oriente Médio.

(b) A posição geo-política de Israel não permite a criação dum ininterrupto e vasto império árabe, afro-asiático, conforme é a ambição imperialista Nasseriana.

(c) O elemento vingança, o árabe é vingativo, e não se esqueceu da derrota de 1948.

(d) O fator saque, o pilco saque que significaria uma derrota israeli, terras, mulheres, cidades. Necessário é justamente compreender os árabes como eles são. Fora os árabes,

Por fim, se modernizaram através da revolução grandiosa de Kemal Atatürk, os demais estados árabes prosseguem na linha espiritual que herdaram do Império Turco, com alguns vernizes exteriores europeus, muito superficiais. Nas suas cabalarias e cambalachos políticos, foi o ódio contra Israel o único elemento comum que conseguiram encontrar entre si os déspotas e semi-déspotas que dirigem os países do Oriente Médio, e com sua propaganda de ódio facilmente envenenaram a imensa maioria de analfabetos que compõe suas populações.

Mas como foi dito no começo, são estas causas gerais, que constituem o fundo do quadro, mas nem mesmo chegam a representar uma ameaça ativa. Duas causas há, particulares e bem definidas, que sobre este fundo geral se destacam como forças agressivas: a existência da Jordânia, e o regime político atual do Egito.

QUEM É ABDUL NASSER

Nos partidos de esquerda do mundo, e mesmo em certos círculos da esquerda de Israel, reinaram durante algum tempo idéias contraditórias a respeito de Nasser e seu regime. A revolução contra o reinado corrupto, a luta nacionalista do Egito, a expulsão dos ingleses do Canal de Suez, a posição aparentemente independente do Egito no terreno internacional, causaram hesitações e diferenças no julgamento do homem e seu regime.

Quem clara e resolutamente definiu a ambos, de entre os líderes-socialistas internacionais, foi Pietro Nenni, o dirigente do Partido Socialista Unificado Italiano, que classificou Nasser de ditadorzinho ambicioso e seu regime como uma edição árabe do facismo.

Nasser é justamente um facista típico. Não apenas pela sua ambição pessoal, muito semelhante à de Mussolini, mas pela falta de bases sociológicas verdadeiras de seu regime. Todos seus planos e aspirações são "bluffs". Planificou e construiu algumas aldeias - modelo cooperativas, sem ter uma população preparada para isto, e as tais aldeias arruinariam economicamente o Egito, se a tentativa fosse feita em escala um pouco mais larga. O projeto de Assuan estava fantásticamente acima das condições e possibilidades do povo egípcio - tanto assim que não encontrou financiadores. Como para Hitler e para Mussolini, é a militarização uma necessidade iminente do regime, e a guerra uma consequência inerente desta mobilização. No terreno social é Nasser exatamente tão indiferente como todos os demais ditadores facistas, e usa as organizações obreiras exatamente como eles as usavam. Mas cada regime facista, em sua vida de golpe em golpe, precisa um "leit-motiv" central. Israel significa para Nasser o que Versailles significou para Hitler. Em nome da vingança contra Israel pode Nasser reunir - ou tentar reunir - todos seus vizinhos árabes, apresentar-se como o grande vingador da honra mussulmana, e em nome disto, estender sua mão por toda a África árabe.

Mesmo que Nasser pessoalmente assim quisesse, não apenas que não conseguiria fazer a paz conosco, mas muito pior, nunca conseguiria evitar a guerra contra nós. Porque a guerra contra Israel não é uma questão da vontade do ditador egípcio, mas da direção iminente de seu regime. A guerra contra Israel é mais que uma aspiração pessoal, é uma das condições de existência do governo da Junta Revolucionária Egípcia. Golpe após Golpe, o acordo de armas com a União Soviética, a Nacionalização da Companhia do Canal de Suez, a guerra com Israel, pois a criação de uma organização militar que absolutamente não reflete nem o nível econômico e nem o nível social e nem as verdadeiras necessidades do país, fatalmente arrasta à guerra, pois se não o regime se decompõe, já que ele é apenas vácuo e propaganda.

O que é a Jordânia

Jordânia não é uma nação, mas uma criação estratégico-política britânica. Não possui qualquer característico próprio, nem nacional, nem econômico, nem social, nem político. Não tem saída para o mar, não tem organismo nacional. Possui apenas um pequeno e bem treinado exército, formado pelos ingleses, e que vivia dos fundos britânicos.

Jordânia seria alguma coisa, se conquistasse Israel, ou uma boa parte dela. Se conseguisse af uma saída para o Mediterrâneo, ou as férteis terras da planície israeli. Da forma que existe, não viverá sem subsídios anuais de milhões de dólares. E em resolvendo tomar parte com uma política própria na região, deixando-se influenciar pelo desenvolvimento do nacionalismo no Oriente Médio, Jordânia assinou sua própria sentença de morte. Quanto tempo existirá ainda, antes que seja invadida por um de seus bons aliados árabes, ou que tanto um golpe de desespero contra Israel, é difícil saber, mas não será muito. Mas enquanto existir, terá interesse em tensão ao longo de nossas fronteiras, e na destruição de Israel. Porque apenas o fim de Israel criaria para Jordânia direitos de existência que ela hoje não possui.

A ONU na região

Não houve muito que houvesse muito a esclarecer ainda sobre quem é o agressor e quem é a vítima no conflito do Oriente Médio.

Foi justamente, porém, esta questão de quem atacou e quem se defendeu, que o comando de observadores da ONU na região não conseguiu distinguir em seus oito anos de atividades.

Para falar a verdade, não que não tivesse conseguido distinguir, na realidade não era seu papel distinguir. Seu papel era anotar incidentes, tanto os de ataque como os de defesa, e de quando em vez, sugerir tímidas insinuações sobre as causas deste ou daquele incidente.

O comando da ONU teve as mesmas fraquezas que tem todo o organismo das Nações Unidas: falta de força real. O general Burns e seu corpo de observadores assumiram a importância que receberam ultimamente perante a opinião pública internacional, não porque realmente a tivessem, mas porque durante oito anos não houve instrumento outro que de alguma forma tentasse diminuir a tensão na região. Na realidade, não estava nas possibilidades do Comando de Observadores da ONU fazer coisas outras que registrar incidentes. As grandes potências, depois, faziam a interpretação das causas destas ações de defesa, de agressão, de acordo com os interesses de sua política. E nós todos conhecemos recentemente um exemplo assombroso de como uma ação nossa, com diferença de alguns dias, transformou-se de agressiva em defensiva, de acordo com as modificações da política desta nação.

A atuação do Comando de Observadores da ONU era uma atuação de contabilidade. Até que por fim Israel censou-se desta triste comédia, pois perante os números da contabilidade eram vítimas de um metralhamento de aríetes numa sinagoga israeli por terroristas, colocadas na mesma coluna que os cadáveres numa ação de represália do exército em algum conhecido ninho do bando leitoso. Censou-se e cessou de participar nas reuniões das Comissões de Amistade e de esperar que o organismo de Supervisão da ONU realmente levasse, senão à paz, ao menos ao fim dos assaltos e crimes sem fim.

A Nacionalização do Canal de Suez

Segundo, nosso ponto de vista, está inteiramente certo, de forma teórica, que um país usufrua das entradas financeiras de canal de águas que passa pelo seu território, mas que respeite, é claro, os interesses internacionais ligados à passagem pelo canal. Mas visto que Nasser não respeita tais interesses - fato que não respeitou os nossos - achamos que a solução para o Canal de Suez é a internacionalização política. Mas encaramos o passo de Nasser com a mesma preocupação com que encaramos no passado a anexação do Saare por Hitler, apesar que sempre foi claro que o Saare é um território alemão. E nossa preocupação reflete o fato de que não é a anexação em si que decide o acerto ou erro de ação, mas sim, o processo político em que ela se enquadra. No caso dos dois ditadores, representou apenas um novo passo no rotar inevitável de seus regimes para o abismo.

Mal Egito viu a questão de Suez aparentemente arrumada a seu favor, voltou sua atenção novamente para Israel. Recomeçaram os ataques dos "fyde-in", nas noites escuras, novamente passaram os cidadãos de Israel a correr o perigo da granada e da metralhadora do assassino. Logo em seguida os exércitos do Egito, Jordânia e Síria reuniram-se sob um comando unificado, com

é chamada a política intencionada de "Varrer o inimigo sionista para o mar". Era uma questão de semanas ou meses para o próximo "passo" árabe, Israel. Além de que parece muito provável que os preparativos de Nasser para nos atacar - chegava ao termo, pois de outra forma é difícil interpretar a grande concentração de armamentos novos no SINAI e os ataques em massa dos "fedaim" que somente poderiam ter sido planejados antes do início das hostilidades, pois o nosso avanço não lhes deu tempo para isto depois. Mas a pressão contra nós já ficara insuportável.

França e Inglaterra

Para a corte da vida cara dos nossos cidadãos, também a Inglaterra e França tinham contas com Nasser, e uma conjectura internacional favorável forneceu-lhes uma situação para ajusta-las.

Nós tínhamos partido para a luta, hoje ou amanhã, pois não restava para nós outro caminho. A intervenção anglo-francesa possui para nós um único aspecto feliz, mas decisivo: poupar milhares de vidas judaicas. Não sabíamos que venceríamos a luta, mesmo que a travássemos sozinho, apesar de que então ela seria novamente contra todos os árabes juntos, de um vez só. Nossa certeza confirmou-se pela velocidade com que desmoronaram os exércitos egípcios de todo o lado deste do Canal de Suez. Mas lutar sozinho significava uma guerra longa e cruel, contra todo o armamento enorme do inimigo. Significaria o bombardeio de nossas cidades e aldeias, o martírio de nossos soldados e de nossa população, o arruinamento de nossa economia. Certamente venceríamos, mas levaria anos até que o país se recuperasse das feridas.

Qualquer observador sério da situação no Oriente Médio não acreditará, já não numa aliança entre nós e os franco-britânicos, mas mesmo numa grande ilustidade de interesses na região. O que se produziu, na presente conjectura, foi uma coincidência de inimigos, entre nós e ingleses e franceses. Nenhuma aliança entre nós foi assinada, que nos garantisse, de forma relativa, que interesses nossos fossem ou seriam defendidos por França ou Inglaterra. Nós fizemos a nossa luta, no lugar onde existiam os nossos problemas. França e Inglaterra, no lugar onde existiam os seus problemas. Não houve nenhuma ação conjunta; A melhor demonstração disto é a rápida volta da Inglaterra para a sua política desfavorável a Israel.

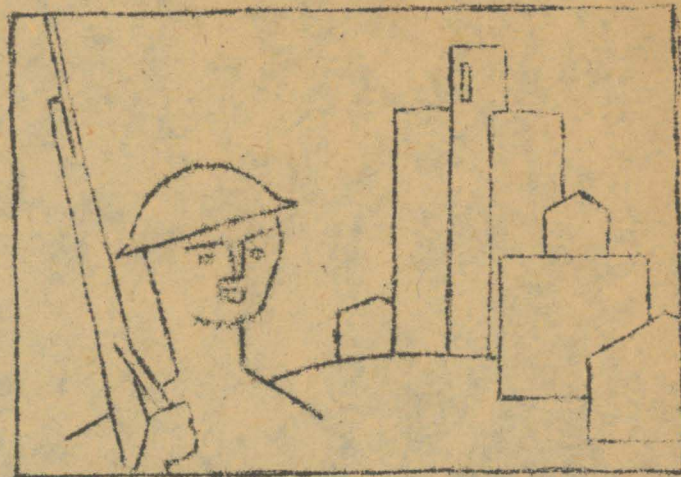
Não nos iludimos à respeito dos perigos de uma nova entrada de forças imperialistas no Oriente Médio. Ela poderia ter sido evitada, não fosse a instabilidade reinante na região. A política do Oriente Médio poderia ter sido muito mais determinado pelos que nele vivem, se os árabes tivessem agido junto conosco, e não contra nós. E unicamente o ditador egípcio é o culpado do fortalecimento dos ingleses na região.

Conseguimos sair do presente embate com poucas cicatrizes - se bem que mesmo as poucas sejam imensamente dolorosas, pois cada vida judaica que sucumbiu para nós valor inestimável. Fomos fator determinante para a neutralização do fascismo árabe, que ameaçava não apenas a nós, mas a paz do mundo, na sua expansão pela Ásia e África. Esperemos agora que as não menos árduas lutas pela paz, na arena das negociações, tragam para nós condições que finalmente permitam respirar livremente neste canto do Oriente Médio, para que nosso povo se dedique às suas tarefas de construção e consolidação.

..... A imprensa israelí noticiou de que o governo de Israel resolveu libertar os 200 marujos aprisionados a bordo do "destroyer" "Ibrahim el Awad", que se rendeu em combate, apesar do navio ainda estar em boas condições .

-- Ué ? Porque ? - perguntaram alguns caboclos .

-- Para que voltem ao Egito e tragam mais um navio .

BROR-CHAIL NA GUERRA

Começou para nós no dia 26 de outubro. De manhã foi convocada uma reunião no "gush" (região militar), com a participação de todos os "masin" (comandantes de zona) e "merksei Hamashak" dos meshakim da região. Na hora do almoço foi declarado o estado de alerta e iniciaram-se, a todo o vapor, os preparativos militares no kibutz.

A ordem tinha sido: apressar tudo dentro do mínimo prazo. O inimigo fazia pressão de todos os lados - o Iraque ameaçava entrar no Reino do Jordão e o Egito terminou de organizar o comando unido das tropas egípcias, sírias e jordanas. Os "fascistas" prosseguiam em seus ataques de terror contra inocentes. Tínhamos que estar vigilantes e dispostos, pois Israel tinha atingido o limite da tolerância e da contenção e a qualquer hora a situação teria que explodir.

À tarde, no celeiro, reuniram-se os comandantes militares de Bror-Chail e o plano de mobilização interna foi ultimado. As forças foram divididas, as tarefas repartidas, a organização de defesa posta em execução.

A direção suprema do kibutz passou às mãos da Vardet Chayim (comissão de emergência), constituída por 3 membros: o responsável pelos assuntos civis D., o responsável pela defesa passiva (AGA) A., e o comandante militar P., com o poder de decisão final nas mãos. Os combatentes - toda a população menos velhos, crianças e mulheres grávidas - foram divididos por "mchlakot" (pelotão) e "kitot" (grupos de combate), sob o comando de companheiros graduados. As "mchlakot" passaram cada uma para as suas posições. Bror-Chail transformou-se numa unidade combatente, de defesa.

Mas o sábado passou quietamente. Tantos já tinham sido os alarmas em todos estes anos de banditismo árabe, que poucos acreditavam que desta vez passaríamos do estado de alerta, apesar de que o aviso do exército tinha sido incisivo e a mobilização começara no país. Em todo caso, aprendemos com o tempo a nunca relaxar, pois é melhor excesso de prontidão do que indiferença imbecil. Pelo sim e pelo não, continuamos a nos preparar e resolvemos dar um impulso nos trabalhos agrícolas, saindo todo o meshak a trabalhar nos campos no "shabat".

Os preparativos, nesta primeira fase, foram mais os de defesa passiva, pois não queríamos ser surpreendidos por um ataque aéreo de surpresa. Os abrigos anti-aéreos foram abertos e os arranjos internos completados. Preparamos uma reserva de alimentos e água. Mas quando, no domingo, recebemos um comunicado para estarmos prontos até a noite, interrompemos o trabalho regular no meshek e saímos para as posições. Então dedicamo-nos, com toda a intensidade, à melhoria das fortificações - cavadas desde os tempos do pacto Egípcio-Checo - ao dextramento militar e à limpeza das armas. Seguiram-se dias árduos. Bror Chail foi dividida em setores, cada um independente dos outros, porém todos centralizados pelo comandante supremo. Os combatentes passavam o dia nas posições, desde cedo até o anoitecer, substituídos - quando tudo estava tranquilo - por forte guarda.

Com o tempo, algumas das trincheiras tinham desmoronado, outras havia que melhorar e havia trabalho duro, com a pá e com a picareta. Em poucas horas tínhamos que aumentar ainda mais a destreza e a habilidade no emprego das armas. De dia nos "mutzavim" (posições) e à noite exercícios nas trincheiras ou em salões.

Terça-feira, à hora do jantar, recebemos a ordem de redistribuir as armas, aumentar a vigilância e iniciar o "black-out". As operações tinham se iniciado. Anos de meia-paz, de bloqueio, de desafios e ameaças, anos de terrorismo organizado, terminaram com a resposta por tanto tempo contida.

Os retardatários terminaram de comer, os combatentes dirigiram-se aos pontos de concentração, receberam suas armas e dispuseram-se à espera de ordens. Como nos quartos ainda não havia "sidurim" (arrumações) para o "black-out", o gerador foi desligado e o kibutz ficou no escuro. Ao mesmo tempo os demais ishuvim da região apagaram suas luzes, e o Shaar Haneguev somente era iluminado, pelas luzes dos longos comboios que passavam pela estrada rumo ao sul.

A noite foi quieta, pois os "fidaim" somente começaram a agir em nossa região no dia seguinte. Duas noites houve alarme e as posições foram imediatamente ocupadas; grupos de combatentes saíram para o campo, afim de cercar o inimigo.

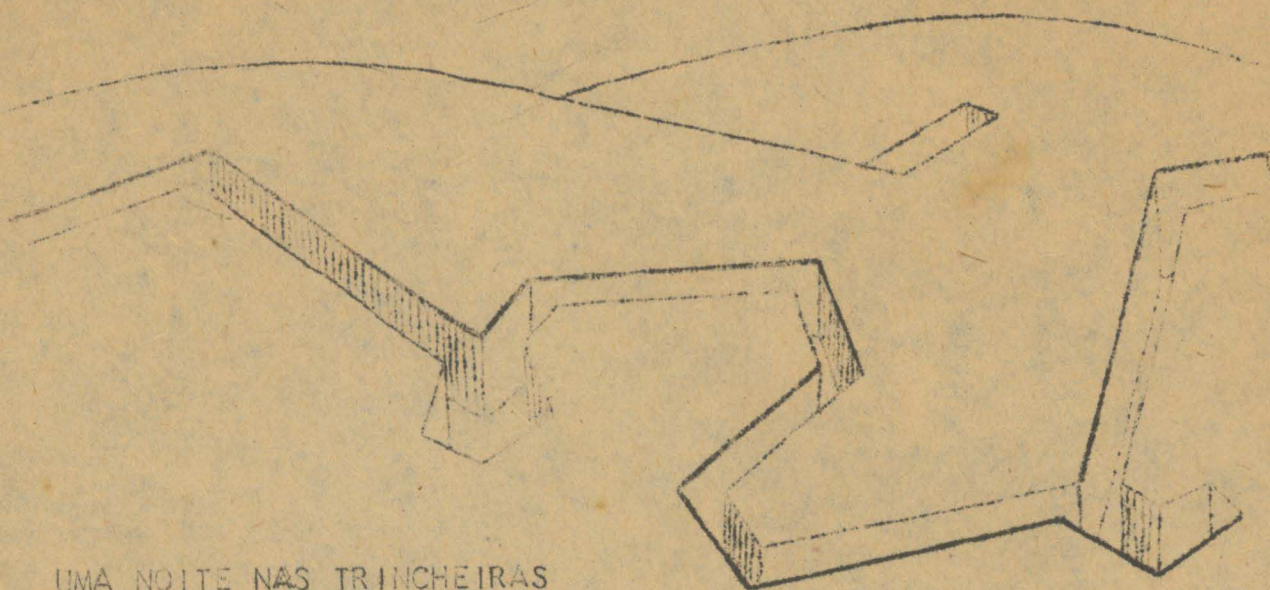
Vivemos dias inesquecíveis. A tensão alta, mas com confiança inquebrantável e disciplina voluntária incomparável. Esta disposição de ânimo permitiu enfrentar tudo.

()

...Somente em nome de vida enfrenta o filho do trabalhador a morte

IOSEF TRUMPELDOR

()



UMA NOITE NAS TRINCHEIRAS

Aconteceu na noite em que ZAHAL ocupou Rafiach, um dia antes do grande assalto contra Gaza. As cinco e meia, a escuridão era completa. Cessara a vida civil no kibutz, transformado numa fortaleza militar. Já não era o "sidur haavodá" que regia a vida dos companheiros, mas o comando militar do kibutz. O vestiário já semi-militar dos chaverim, caqui e austero, acrescentaram-se alguns detalhes: o cinturão de balas, o capacete, o fuzil ou fuzil-metelhadora, que não se abandonava a nenhuma hora do dia, em qualquer lugar que fosse. Cada companheiro tinha sua posição nas trincheiras, cavadas meses antes, durante o período admirável do movimento voluntário da população das cidades, que veio para as colônias de fronteira preparar as trincheiras para o que viesse. Ordens claras para os momentos de alarme, forte guarda durante a noite, metralhadoras leves e pesadas prontas, armas anti-tanques... Bror Chail transformado em centro de defesa.

Aconteceu, pois, naquela noite, um dia antes da conquista de Gaza. Foi a última noite dos "fedayin", os terroristas egípcios, unidade do exército de Nésser, especialmente treinada para atentados contra a população civil, em nosso território, e sabotagem sobre todos os tipos de alvos civis - aldeias, sistemas de água, estradas de ferro. Durante meses haviam semeado a morte e a destruição. Eram impiedosamente cegados, mas na calada da noite não era difícil esgueirar-se pelas trilhas da fronteira e lançar granadas de mão em casas de família. Eram os grandes heróis do exército egípcio.

Foi pois a última noite, e por isso mesmo, violenta como poucas anteriores. Uma ação de desespero, a última saída antes do fim, um ataque de terror em massa, por trás das linhas de nosso exército, que atuava a dezenas de quilômetros para o sul.

Começaram cedo, naquela noite, uma ou duas horas depois do escurecer. Estávamos no refeitório, jantando, quando ouvimos uma explosão ao longe. Bem, uma explosão é uma explo-

são. Muita coisa explode em nossos dias. Continuamos a comer.

Comemos até a segunda explosão. Esta foi bem perto, certamente nas terras do kibutz. P., o comandante militar, subiu num banco e ordenou o imediato evacuação do refeitório e tomada de posições. Num instante estava vazio. Fora, a escuridão completa, o sino badalando o toque rápido da emergência. As mulheres grávidas e as crianças desceram para os abrigos anti-aéreos, profundamente cavados na terra. Os combatentes correram para as posições. No caminho, mais uma explosão, mais ao longe. Descobriríamos de manhã que a canalização de águas Yarkon-Neguev, orgulho da engenharia hidráulica israeli, fora sabotada em três lugares, não longe do kibutz.

Pulamos para as trincheiras. Ainda não sabíamos exatamente o que vinha. As metralhadoras foram rapidamente instaladas, também as armas anti-tanques. Em minutos, todos os companheiros, homens e mulheres, estavam prontos para a defesa.

Granadas de mão foram distribuídas em todas as posições. Agora sucediam-se as explosões, em pontos diversos, afastados de nós, para dentro do país. Não nos restava senão contemplar os clarões, e contar os segundos entre a luz e o ruído da explosão, para determinar sua distância.

Uma metralhadora começou a funcionar no moshav vizinho, Cheletz. Outras mais outra entraram no mortífero concerto. Os "fedayin" estavam atacando o moshav, cuja disposição torne-o mais vulnerável que um kibutz. Do moshav responderam ao fogo. O fogo dos atacantes, automático, aumentou de violência. Na posição extrema de Bror Chail, do lado norte, a metralhadora pesada de L., que abrangia uma faixa do moshav entrou em funcionamento, acompanhada de fuzís. Dez minutos durou o tiroteio. Cinco casas foram destruídas em Cheletz, quase todas vazias. Dois mortos e cinco feridos no moshav.

Na curva após nossa estrada, um carro subiu numa mina. Três feridos. Nossa caminhonete nova, orgulho do kibutz, brilhante de nova, recém recebida do Brasil, deveria ter viajado para Rechovot, levando verduras. Devido à escuridão, encalhou na saída do kibutz, num barreiro, e não pôde prosseguir. Foi por causa disto que ela se salvou do minamento ...

N., à testa de um grupo de chaverim, desceu rápido e silenciosamente para a estrada, todos vestidos com roupas escuras, os rostos escurecidos, invisíveis na noite; iam armar uma emboscada aos assaltantes. Estes, porém, evitaram retornar para seu território pelo caminho de Bror Chail, e deram uma longa volta. Nós, tensos e preparados nas trincheiras.

Meia-noite. Reino silêncio, cessaram as explosões. Continuamos nas trincheiras, prontos ao que virá. Foi então que começou a segunda parte da noite. Ao longe, na estrada, uma luz.

Quando se aproximou, a luz se dividiu. Duas, três, dezenas, centenas de luzes, uma longa fila de veículos na escuridão. E um ruído, no começo apenas um susurro, que foi aumentando e aumentando, até transformar-se num ronco, até transformar-se num rugido, dezenas e dezenas de tanques, caminhões, carros blindados, rodando e rodando para o sul, velozmente, quilômetros e quilômetros de luzes, horas e horas, de máquinas a trepitar sobre a estrada.

ZAHAL avançava contra o inimigo. Não fora a primeira noite que caravanas destas haviam descido para o sul; nunca, porém, foram elas tão significativas como naquela noite.

Silvo de maus azaros para o inimigo, o ruído daquele potencial de aço a descer pelas estradas, ZAHAL mecanizada, ágil e combativa, o ronco surdo e feroz dos grandes tanques, o sibilar ruído dos pesados caminhões, o entre-chocar das correntes dos carros de assalto, o rugir entrelaçado de todas as máquinas, hora após hora, sinfonia bárbara que inspirava segurança, prenunciadora de sinistros agouros para o inimigo, do bramir da capacidade de fogo de todas aquelas máquinas, canhões, morteiros, metralhadoras ...

As três da madrugada, estávamos ainda nas trincheiras. Não as abandonaríamos antes das sete da manhã. Tremíamos de frio. Espalharam-se sanduiches. Rápidos relâmpagos iluminavam agora o céu, em direção ao sul. Rafiach estava sendo bombardeada por nossa artilharia. E logo em seguida, um novo som, desta vez por cima de nós, aviões, muitos aviões. Lá gongue, no sul, onde antes haviam troado os canhões, víamos agora paraquedas luminosos, um após o outro, espalhando uma luz que de longe parecia amarelada, mas que lá, a quilômetros de distância, certamente iluminaria como a luz do dia. Não vimos mais que isto, mas sabíamos o que tinha acontecido um pouco antes. O ronco dos aviões fora o dos transportes de paraquedistas. Eles haviam sido lançados sobre o inimigo, ocupado posições, e agora os paraquedas luminosos descobriam as posições egípcias e orientavam o fogo de nossos homens.

As cinco horas, o grupo de N. voltou da estrada. Lentamente, começava a raiar o dia. Ao longe, nos campos, três altas colunas de água:— o aqueduto explodido. Não tinha importância: seria concertado — três horas depois cessaria já de jorrar água, e haveriam sido iniciados os concertos. Saímos das posições, gelados de frio, tontos de cansaço. Ainda ouvimos o noticiário das sete, que contava do ataque dos terroristas na nossa região, do ataque de ZAHAL contra Rafiach, de outras coisas. Tudo parecia bem mais simples no rádio que na trincheira...

-x-x-x-x-x-x-x-x-
...
...

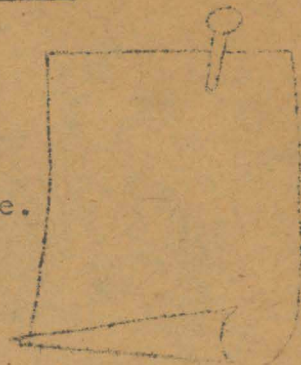
Pedimos desculpas aos amigos leitores pela "constante variação" da grafia da palavra "fydaim". Acontece que cada uma das nossas simpáticas datilógrafas tinha um opinião a respeito e não tivemos tempo para resolver o assunto

FRAGMENTOS

Partes das "Ordem do Dia", publicadas diariamente.

ORDEM DO DIA No. 1

Bror Chail, 30 de outubro de 1956.



As necessidades de defesa da Mediná, obrigam-nos a modificações em nossa vida. Faremos o máximo esforço de realizá-las na medida que nos é exigida, sem abalar excessivamente a ordem costumeira.

Procuraremos levar aos chaverim, as ordens de cada dia e informações gerais através destas circulares. E estas são as modificações já decididas:

INSTANCIAS DE EMERGENCIA-

Fica constituída uma comissão de emergência que substituirá todas as instâncias do kibutz. Sua constituição é a seguinte:

P. - comandante em chefe da região Bror Chail

D. - substitue o maskir, responsável pelo setor civil

A. - responsável pelo patrimônio e pela defesa passiva

D. e A. - participação do quartel general.

SIDUR AVODA (escalação para o trabalho)

Fica ligado ao comando supremo, devendo A. ser responsável pela realização dos trabalhos urgentes do meshek, de acordo com as possibilidades militares.

NECESSIDADES DE DEFESA E TRABALHOS NO MESHEK

Nossa tarefa primeira é prontidão para a defesa. As fortificações serão ultimadas e melhoradas. Exercícios militares realizar-se-ão ininterruptamente, dentro de cada setor e também de forma central.

Os trabalhos básicos do meshek serão mantidos pela parte do combatente da população, de acordo com o sidur avoda, após a aprovação da Comissão de Emergência.

AVISOS URGENTES

É dever de cada um cuidar de que não cheguem ao inimigo informações úteis.

SINAIS DE ALARME

Todos os sinais civis são considerados anulados.

Badalar regular - concentração dos combatentes nas pontas designadas

Badalar rápido - crianças para os bunkerim
não combatentes com tarefas-para as suas tarefas

não combatentes para os seus respectivos abrigos

combatentes para as suas posições

Badalar irregular-ataque aéreo- cada um para o abrigo mais próximo

Badalar lento - tudo limpo

BLACK-OUT

É absolutamente proibido usar qualquer espécie de luz-lampeão, farol, etc, para andar, à noite, no péteo.

Há que haver o máximo empenho de cada um no sentido de efetuar

se um "black-out" total e absoluto no meshek:

ORDEM DO DIA No. 2

Bror Chail, 1 de novembro

CUIDADO COM AS ARMAS

Cada combatente é responsável pela manutenção e limpeza de sua arma. As armas devem estar permanentemente prontas para ação, pois que, a qualquer momento podem vir a serem necessárias.

ARMAS PESSOAIS

Todo combatente deve levar consigo a sua arma, em todas as circunstâncias.

PRONTIDÃO NOTURNA

Os combatentes e a população civil devem preparar-se, ao anoitecer, para todas as eventualidades. Vestir roupas quentes e estar atento ao sinal.

ORDEM DO DIA No. 3

Bror Chail, 2 de novembro

ALARME

As instruções para o caso de alarme foram seguidas perfeitamente e rapidamente.

TOMADA DE POSIÇÕES

A tomada de posições foi realizada com grande rapidez e muita calma. Destacou-se a segurança e a confiança geral reinantes.

DIVISÃO DE COMIDA

A refeição da noite, servida nas posições, foi insuficiente. Os defeitos observados na preparação e na distribuição já foram corrigidos.

ORDEM DO DIA No. 4

Bror Chail, 3 de novembro

REUNIÃO DO COMANDO

Foi realizada uma reunião de todos os comandantes onde foram examinados problemas correntes dos diversos setores e o estado de nosso armamento.

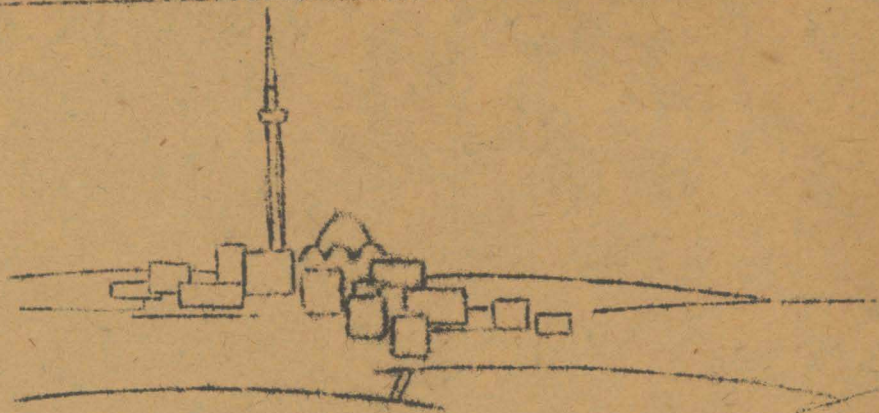
ORDEM DO DIA No. 5

Bror Chail, 4 de novembro

Levando em conta a trégua em nossa região, voltamos à ordem de vida regular. Todas as instâncias civis voltem às suas funções e responsabilidades.

Ficam anuladas as disposições do "black-out":

A Comissão de Emergência e todas as demais instâncias militares agradecem a toda a chevra, noar e ulpan, a compreensão total que reinou durante a grave prova pela qual passamos, à comunidade absoluta na ação que fez predominar ótimo espírito, à moral elevada e a disposição de todos de preencher todas as exigências. Esperamos que esta prova tenha sido a última!



NA CONQUISTA DE GAZA

A noite transcorreu em calma. A forte guarda do kibutz voltava de suas posições. Conversei ainda alguns instantes com N., que se preparava para ir dormir. Nada de novo, tudo correu bem. Todos foram dormir por algumas horas. Dormi-se muito pouco em Bror Chail, durante os últimos dias.

As nove e meia da manhã o quartel-general do kibutz recebeu ordens de enviar para o kibutz vizinho Nir-Am uma esquadra de companheiros, incluindo metralhadoras médias e pesadas. Gaza ia ser ocupada, mas no caminho o exército passara rapidamente sobre muitos ninhos de resistência armada, que ainda não haviam sido exterminados. Sobre os kibutzim do Shaar Haneguev foi imposta a tarefa de liquidar com os focos de resistência deixados para trás. Subimos para os transportes. Em Nir-Am, aguardávamos-nos grupos do chaverim de Mefalsim e Guevin. A caravana pôde pôr-se a caminho para Iad Mordechai, kibutz famoso da Guerra da Libertação. Combatentes de Iad Mordechai, Erez, Gvar-Am, Nir-Am, e outros kibutzim da região uniram-se a nós, e todos juntos, uma longa caravana de caminhões, transportes, carros, puzemo-nos a caminho para o território do inimigo.

Um grito coletivo de entusiasmo reboou pelos ares quando parámos pela famosa tabuleta: "Perigo! Fronteira!" Só que da tabuleta restava apenas a haste ...

Viajávamos em ex-território inimigo. Cruzamos pelos trilhos da estrada de ferro para Gaza, onde já há oito anos não passa trem, mas onde ele logo mais tornará a passar. A faixa de Gaza que agora percorriamos em direção ao nosso primeiro alvo, era de uma rara beleza. Terra excelente, fontes de água, pomares, laranjais, plantações. Árvores ao longo das estradas. A própria estrada, larga e boa, um pouco estragada por muito tanque que andou passando ultimamente. Viajávamos alertas e preparados.

Chegamos a uma escola agrícola construída pela ONU. Muito bem instalada, largas salas de aula, tratores, gado, um excelente laboratório. Quase não sofreu com a luta. Outra coisa que cedo entrará novamente em funcionamento.

Mas aqui ainda se luta. Todos descem, abrigam-se, as metralhadoras médias instaladas no pátio da escola atiram sobre um laranjal onde há soldados egípcios escondidos. Companheiros de Erez, com cobertura das metralhadoras arrastam-se no chão, para o assalto. Nós recebemos ordens de prosseguir para adiante.

Chegamos a Kfar Chanun, uma aldeia árabe de 3.000 almas. Ninguém. Também aqui ainda se luta contra os últimos ninhos de resistência do inimigo, instalado em pomares, a um quilômetro da aldeia. Crepitem fuzis e metralhadoras. Aqui já se vêem árabes caídos. Mas novamente recebemos ordens de seguir adiante.

A caravana de caminhões continuava a avançar pela estrada. E de repente, diante de nossos olhos, a dois quilômetros apenas - Gaza! Pensamos que já entraríamos na cidade, mas eis que recebemos ordens de descer. - preparação para assalto? - comanda o tenente.

Surgiu-se a linha. Há que quebrar a última resistência do inimigo, por assalto direto. São os chaverim de Bror Chail que formam a linha de ataque - S., P., B., L., K. e outros. S. é o enfermeiro. Tudo preparado. Há que passar uma estreita passagem, minada dos dois lados. Nada agradável. Ao lado, um caixão aberto, cheio de minas que não chegaram a ser instaladas. Menos agradável ainda. Em cima, no cume que devemos ocupar, o vulto de uma metralhadora anti-aérea, mas que certamente pode ser virada também para baixo. Absolutamente desagradável.

- Ao ataque! - Sôa a ordem. Cessam as observações mentais, agachados, armas prontas, pulamos e corremos no assalto à posição. Somos recebidos por alguns tiros esparsos, sem direção nem pontaria. Quando chegamos ao cume, vemos ainda alguns egípcios correndo, fugindo, lá para longe em direção, em direção ... pois são nossos olhos estende-se DJEBELIA, acampamento de refugiados árabes, famoso ninho de terroristas, de "fedayin". Não captamos tal visão. Pulamos para posições, as metralhadoras são instaladas.

Avisam-nos que passaremos a noite no lugar, o que devemos estar de prontidão. As metralhadoras pesadas e médias são instaladas em lugares convenientes, as tropas divididas pelos diversos lugares. Já entardece.

A primeira surpresa fôra quando víamos o acampamento de refugiados. Mas uma surpresa maior nos esperava, quando olhamos em volta, para o lugar onde nos encontrávamos, que havíamos conquistado. Era uma das mais formidáveis posições militares que já vi. Uma alta colina, completamente cercada de trincheiras, posições de metralhadoras construídas em concreto armado, comunicações, tendas camufladas, barracas. Quando entramos nas tendas camufladas, abriram-se nossos olhos - caixas e mais caixas de abastecimentos, granadas de mão, munições de todos os tipos, de canhão até fuzil. Nas outras tendas, a mesma coisa. Fora a metralhadora anti-aérea pesada que já mencionamos, dois canhões leves, morteiros de rodas de 120 mm., poderosíssimos, armas automáticas, etc. Mantimentos, roupas, instalações fixas para soldados e oficiais, tudo pronto para uma longa resistência. Mas onde estava o inimigo? Dê-lo vimos apenas dois ou três mortos, numa trincheira. Todo o resto fugira. O comandante disse que normalmente teriam sido necessários dois mil homens, mais armas blindadas e um forte bombardeio aéreo prévio, para tomar tal posição, com possibilidades de boas perdas. E eles a haviam entregue sem que nos custasse mesmo um grão.

Andamos pelas posições, mais surpresas que satisfeitos, mais pensativos que despreocupados. Pois Bror Chail, com seus preparativos, que nos julgávamos inconquistável, não chegava nem à ponta dos pés desta posição aqui, com seus ninhos de metralhadoras em concreto armado, seu poderoso armamento, seus recursos para suportar um longo assédio. E apesar disto eles a haviam abandonado sem combate, enquanto que bem diferente seria conosco, numa hora de necessidade. Confortador e pensamento de que na época da guerra mecanizada, do tanque, do avião, do canhão e da metralhadora, todas armas de longo alcance, ainda era o homem, frágil e insignificante ante a potência da máquina, elemento mil vezes mais decisivo que todos os mecanismos, que apesar de tudo e no fim de tudo são mortos e inerentes sem quem esteja disposto a manejá-los em quaisquer condições, venha o que vier e como vier.

O que se seguiu foi pouco engraçado. Desceu uma noite trágica. Já de noite recebemos rações alimentares, mas assim frias, as conservas de carne sabiam a madeira seca, comidas com as mãos, pois talheres, de onde?

Nos vastos depósitos haviam quantidades enormes de cobertores, que distribuímos entre o pessoal. Mas eles estavam cheios de pulgas, não pulgas comuns, mas sim pulgas árabes, violentamente anti-israelis, transformadas pela propaganda venenosa dos egípcios. Cairam sobre nós, como justiça, para sugar-nos a alma. Quase conseguiram. Até agora, dias depois, coço-me como um desesperado...

Assim passou a noite, gelada, com pulgas, e guardas periódicas sobre o acampamento inimigo. Às três houve um alarme, algumas metralhadoras entraram em funcionamento. Mas parece que foi falso. Às cinco e meia raiou o dia, e lá pelas oito havíamos descongelado. Tornamos a comer conservas de carne, cheias de proteínas, mas cujo valor alimentício estava na proporção inversa do gosto. Temperamo-las com pragas em hebraico e português. Às dez recebemos ordens de partida. Fomos substituídos por um novo destacamento. Veio uma longa caravana de caminhões vazios, para desmontar tudo o que os egípcios haviam abandonado...

Avançamos em direção de Gaza, mas pouco antes das portas da cidade recebemos ordens de voltar. Por termos passado a noite em Dжебелія, maldita seja sua memória e suas pulgas, um outro destacamento entrou em Gaza, em nosso lugar. Amaldiçoamos também o destacamento.

Partimos de volta. No caminho recolhemos grupos de companheiros de kibutzim que haviam ficado em pontos diversos. Toda a resistência fora extinta. De volta à nossa região, crianças acenavam na beira das estradas para aqueles soldados empobrecidos que voltavam do território inimigo.

No caminho cruzamos com uma caravana de caminhões com soldados, viajando em direção ao território ocupado. Eram comandos-paracaidistas, as famosas tropas de choque de nosso exército. Estavam limpos e frescos, em seus elegantes uniformes, suas armas automáticas "Usi", a metralhadora de mão de fabricação israeli. Os caminhões pararam por um instante na estrada, eles viajando para o sul, nós para o norte, para casa. Eles limpos e descansados, nós cobertos de poeira e cansados. Um paracaidista alto e bonito, com divisas de cabo na manga, à meia-barba clássica dos membros de sua unidade, jovem e agressivo, botou a cabeça pela janela, em nossa direção, e perguntou, com certa asperza forçada:--
- Nii, na Hamatzav? (Então, como está a situação?).

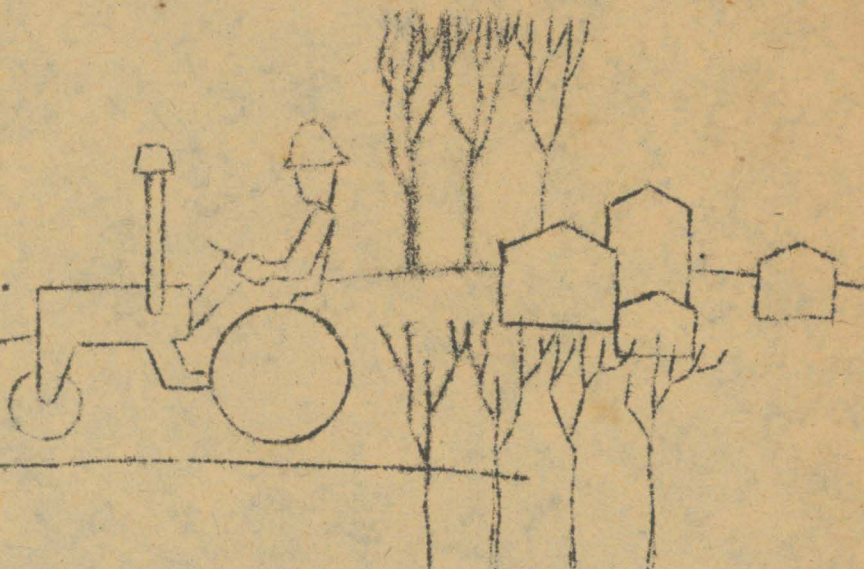
Li abriu um olho, semi-cochilando, e olhou para o tipo:--
- Al tidag, kvar assinu et hacol. Lo nishar har'ce bishvilchá. (Não se preocupe, já terminamos com tudo. Não ficou muito para você).
Como o caminhão partiu neste instante não deu para ver a reação do nosso cabo.

Chegamos ao kibutz. Receberam-nos como heróis que voltassem da própria conquista de Cairo. Condescendentemente recebemos as homenagens, e distribuímos caramelos egípcios entre a criançada e caixas de fósforos egípcios de produção soviética entre os "iniciados". Tomamos um largo e longo banho, limparamos as armas, e fomos dormir, dormir, dormir...

.....
1. trouxe de Gaza uma lembrança interessante e significativa: uma boina de "fydaim". Pois quem tenha ilusões sobre Nasser saiba:

O DÍSTICO DA BOINA, SÍMBOLO OFICIAL DA UNIDADE, É UMA CAVEIRA. COMO NOS BONS TEMPOS DA PIRATARIA DO SÉCULO XVI, OU DA GESTAPO DE HITLER.

MAS A VIDA CONTINUOU...



Mas mesmo transformando-se numa praça forte, Bror Chail continuava a ser um ishuv civil.

A parte não combatente da população - crianças, "nearim mais novos, velhos, doentes, mulheres grávidas e pequena parte do ulpan (que não recebera ainda preparo militar) - tomou a seu cargo a defesa passiva e a manutenção do meshek. Também alguns - poucos chaverim, dos combatentes, foram designados para auxiliá-los e estes - fixos ou por rodízio - trabalhavam de dia e à noite cumpriam os seus deveres de lutadores.

A defesa passiva encarregou-se da organização e da realização dos serviços auxiliares e de defesa anti-aérea. Cuidavam dos preparativos do "blak-out", da distribuição de alimentos às trincheiras. Sob sua responsabilidade estavam também o grupo de combate a incêndios e a assistência médica. Estes, muito bem organizados e satisfatoriamente equipados não tiveram oportunidade de entrar em atividade, mas se mantiveram vigilantes e preparados para ação imediata e eficiente. A AGA (defesa passiva) era também responsável pelos abrigos (bunquerim). Esta gente providenciou todos os arranjos e introduziu o máximo de comodidades. Em cada bunquer havia um responsável, e listas, organizadas a priori, de quem deveria lá se abrigar. As crianças dormiram quasi todas as noites lá em baixo - por medida de segurança - acompanhadas por "metaplot"; nas casas dormiam pais não combatentes, prontos a descer às crianças ao lo alarme. Para a criançada, o único desprazer era o escuro da noite, os ruídos insólitos. Mas tanto o dormir nos bunquerim, como o intenso movimento de aviões nos céus durante o dia foram motivos de maravilhas.

E como tudo isto não bastasse para tão pequeno número de pessoas, havia ainda que preparar as reservas de água e alimentos, centrais e nos setores, ocupar-se em abrigar o gerador, os tanques de água, os ani mais, e mais, e mais e mais.

Paralelamente a isto havia a manutenção do meshek. A centralizava-se os 2 setores, ajudado por D. e à noite ficava no "bunquer" do comando, pronto para o que se precisasse dele.

Para os sheirutim indispensáveis - comida, higiene, e cuidados das crianças - havia que continuar a alimentar e a orde-

nhar as vacas, levar as ovelhas ao pasto, distribuir a ração das galinhas, manter a rede elétrica e o gerador funcionando, cuidar das instalações hidráulicas, cuidar, quanto possível dos campos, continuar a qualquer preço as colheitas, etc. Naturalmente os prejuízos foram consideráveis. Estávamos exatamente no meio da colheita do algodão, do milho, do amendoim, da abóbora, couve e repolho. A semeadura dos cereais estava já no fim e neste setor não houve danos sérios. Mas a quantidade de verduras que se estragou foi considerável; parte ficou nos campos e parte, por falta de meios de transporte para o mercado, foi para o gado.

De qualquer forma porém, a custa de um pesadíssimo esforço os trabalhos fundamentais se realizaram. Todos os dias pequenos grupos saíam para os campos. Principalmente ncarim e banot. Mas no à noite lá ia o reftan e o menino ordenhar as vacas. O ajudante do electricista cuidava, com toda a importância da nova responsabilidade que não faltasse electricidade. O aprendiz do pastor tornou-se o dono do rebanho. As metaplot desdobraram-se. As ajudantes foram retiradas e o dia de trabalho se alongou, continuando, às vezes, pela noite à fora, nos bunqueres com a garotada, cujas trincheiras de fusil na mão.

A chevra, pais, noar, ulpan, era um todo só, unido e animado de uma mesma vontade férrea e de um mesmo ânimo inquebrantável. A tudo estava-se disposto, para tudo estava-se pronto. Ninguém discutia ordens ou pedia descanso. Ninguém temia o que poderia vir. A confiança e a moral elevadíssima reinavam e caracterizaram a vida em Bror Chail naqueles dias tumultuosos e decisivos.

TZAAI atingiu os seus objetivos. Nós cumprimos o nosso dever.

...

.....
É como dizia o "sadren avodá" :

- O difícil não foi a guerra. O difícil foi explicar todos os dias ao Aron que estava havendo uma e por isto eu não podia dar mais gente para as colheitas do "shalchin" !

.....

.....

Muita gente ficou com inveja do Gemece. A estas horas está, provavelmente conhecendo o mundo, viajando pelos caminhos do Sinai .

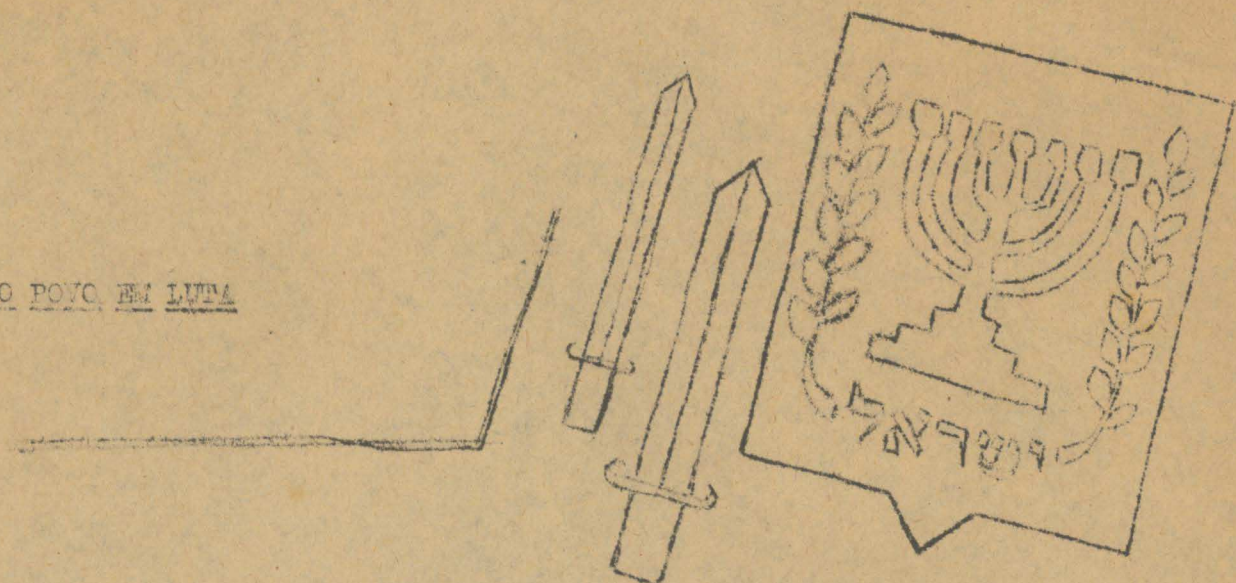
Pois é, é o GMC, o nosso caminhão mobilizado .

.....

.....

Sábado de manhã, P. juntou uma turma, subiram ao "tender" e foram ver onde estavam os nossos companheiros que saíram para a "retzua" . Todo mundo quis participar do grupo, mas no fim, a honra de pisar em Gaza coube somente é : P., D., Z., Pd., E., L. ...

.....

O POVO EM LUTA

Dificilmente terá o conceito de mobilização total alcançado alguma vez um significado tão total, como o atingiu em Israel. Dificilmente, desde os dias de Esparta, entrelagou-se durante toda uma época o problema da defesa militar de forma tão completa com a existência diária de uma nação. Por durante oito anos, mesmo o mais esperançoso, o mais pacifista de Israel é uma nação de pacifistas, como é pacifista todo povo muito ocupado com sua construção - terá tido ilusões que o dia do 2º round era inevitável.

E quando o dia veio, encontrou o povo completo e profundamente pronto para a luta. Durante oito anos cada cidadão fôra treinado para a defesa militar. De ano em ano era o cidadão israeli chamado de novo para as armas, para que não decaísse sua preparação física, e aumentasse sua capacidade como soldado. "Rechado de Israel", no ocaso do Islam" - como nos chamou o poeta Altman, não houve um só que ficasse ou quisesse ficar livre dos treinamentos.

Não só os homens e as mulheres de Israel eram soldados preparados. Toda a rede da defesa passiva estava pronta e organizada, ocupada por pessoas mais idosas. Cada veículo de Israel tinha seu número de mobilização, cada ônibus, caminhão, carro particular, motocicleta. O lugar de cada casa, cada aldeia, cada bairro, novo ou velho, fôra estudado do ponto de vista da segurança militar. Abrigos anti-aéreos haviam sido construídos em cada rua das cidades, e nas aldeias, kibutzim, povoados. Voluntariamente, a população do país, seus funcionários, estudantes, operários, haviam saído durante meses, semana após semana, para as colônias das fronteiras, na construção de trincheiras e posições militares. Os estivadores do porto de Haifa perfilavam-se ao lado dos funcionários da prefeitura de Tel Aviv e dos estudantes da Universidade de Jerusalém, cavando trincheiras nos povoados das fronteiras do sul, norte-leste. O povo aceitou calado a carga de pesados impostos de emergência, mesmo depois de ter contribuído voluntariamente milhões de libras para o fundo da defesa.

E quando souu a hora, nem houve que proclamar ruidosas mobilizações. Calado e discretamente, cada qual foi pessoalmente avisado. Calado e discretamente, cada qual se despediu e foi. Tudo já estava pronto. Não se notou, nem nos kibutzim, nem nas aldeias, sinais de confusão ou pânico. Representou certamente a mobilização geral mais silenciosa e macia que já se conheceu. Sem filas, sem patetismo, sem discursos. O mundo estava ainda tentando averiguar os rumores sobre uma mobilização que estaria por ser proclamada em Israel e já nós estávamos prontos.

Há uma da tarde de uma terça-feira proclamou-se pelo rádio o regime de defesa civil passiva e do "black-out", em todo o país. Às 4,00 da

tarde do mesmo dia foram afixados em todos os lugares os avisos com as instruções com respeito à defesa passiva. As 5,30, ~~uma~~ hora e meia depois, quando começou a escurecer, tudo e todos estavam prontos. Nem uma luz foi vista em lugar algum, todos os carros tinham os faróis escurecidos. O movimento nas ruas nas noites foi evitado.

A expressão suprema desta prontidão popular para a defesa foi Zahal, Zvê Haganá de Israel, o Exército de Defesa de Israel. ZAHAL representou o instrumento organizado e ativo, ágil e pronto, da imensa disposição do povo de afirmar o seu direito de existência.

Foi assim que a hora da luta encontrou Israel. "Todo o país uma frente, todo o povo um exército."

Qual foi o segredo desta preparação, de onde se irradia esta força que nos concede uma tão absoluta superioridade sobre os árabes, a ponto de emigralhamos completamente em cinco dias todas as forças egípcias da Península de Sinai?

Não basta dizer que somos um povo em luta. Os recursos e a organização modernos permitem a mobilização de qualquer povo. Na realidade, a luta do povo é determinada, por um lado, pelo que significaria a sua derrota, e pelo outro, pelo próprio momento nacional que ele atravessa.

Israel vive seu renascimento nacional, em que naturalmente todas as energias físicas e mentais do povo estão mobilizadas. A enorme capacidade de fé e visão que guiam o povo em sua terra podem ser apenas explicadas por um acúmulo secular de energias, que hoje se libertam e se expandem no esforço gigantesco do renascimento da nação, em todos os terrenos de sua atividade - apesar de ter tal aplicação maior valor literário que sociológico.

Nosso esforço aplica-se em terrenos diversos, na colonização, no trabalho, na ciência, na cultura, na defesa - mas a fonte energética é comum, a moeda que impulsiona a todos é a mesma. O cientista ocupado na pesquisa, o trabalhador na agricultura, o sociólogo no amalgamento das diásporas, o militar na segurança, todos agem levados pelo mesmo impulso primário, a mesma hora da nação e do povo.

Este é o segredo de nossa força, de nossa qualidade, da prontidão interior de nosso homem.

O caráter de nossa luta:

Esta é a razão pela qual, por razões internas, nunca poderia a nossa guerra ser agressiva, pois a agressão é um fator completamente estranho a um povo profundamente ocupado em coisas positivas - seu erguimento nacional, a absorção de olim, a construção de linhas de água. É a defesa, e apenas a defesa, que pode ser colocada ao lado do trabalho e do esforço positivo, não a agressão. Toda a magnífica capacidade militar que nosso povo revelou em duas guerras, ela existe apenas porque ela é defensiva. É de se crer que se por uma hipótese fantástica nos lançássemos a uma aventura de agressão, toda nossa capacidade militar deixaria de ser, e de repente veríamos que os inimigos nos cursos do exército desapareceriam.

Nosso exército, exército de defesa.

E por fim, queremos mostrar que mesmo que nosso exército, arma ágil e afiada, perdesse todo seu valor, fosse um exército de agressão. A perfeição de ZAHAL reflete apenas a prontidão organizada e treinada do povo para sua defesa. Zahal, o exército de defesa, é uma das mais orgulhosas criações do povo em renascimentos, sua grande afirmação no terreno da segurança, como o Instituto Weizmann o é no terreno da ciência, a Histadrut no terreno da

organização cooperativa e o kibutz, no terreno da agricultura socializada.

A essência íntima de ZAHAL é um profundo e forte entrelaçamento do treinamento do soldado com a necessidade que dói todo o povo. Ela é que busca a perfeita identificação com que o pai da família deima seis filhos e o jovem dos campos e das cidades seus afazeres, no exército chamado, não apenas para a luta, mas também para o treinamento longo e permanente renovado. Nunca se iria desta forma, já não para um exército de agressão, mas mesmo um exército comum.

Por isto é difícil comparar ZAHAL a outros exércitos, como o russo, o americano, o inglês. Exércitos despersonalizados, prontos para lutar onde forem mandados e contra quem forem mandados. Máquinas militares cegas e inconscientes. Zahal, por exemplo, talvez não valcasse muito na planície da Górcia, nas colinas da Índia, nos campos da Hungria. Mas nas planícies e montes de Israel, no nosso clima, contra o nosso inimigo, não hesitamos em afirmar que semelhantes ou não excessivamente maiores, pudesse tomar nosso lugar ou enfrentar nosso exército. E este é o segredo do Exército de Defesa de Israel, como é o segredo do êxito de todos os exércitos populares de libertação, como foi o segredo das batalhões descalços da Revolução Francesa, da Revolução Russa, da Revolução Americana. Exércitos que não são apenas exércitos, mas expressões populares organizadas e treinadas para a defesa. E nosso exército é tão invencível no campo de batalha, como é invencível e pioneiro no campo do Trabalho.

=====

.....
 Não, não adianta insistirem, as piadas do Ambrósio não conto !

.....

.....
 Em todas as posições abandonadas pelos egípcios em fuga, foram encontrados pares de sapatos sem fim. Novos e usados. Parece que os soldados de Nasser somente sabem correr descalços.

.....

.....
 Há várias noites que os "fydaim" já não aparecem. Gaze já não os manda ou abriga. Na cidade, agora sob o poder israeli, o Poder Militar está fazendo uma limpeza dos elementos suspeitos. A tarefa é facilitada pelos arquivos encontrados, mas "dificultada" pelo excesso de "colaboração" dos árabes.

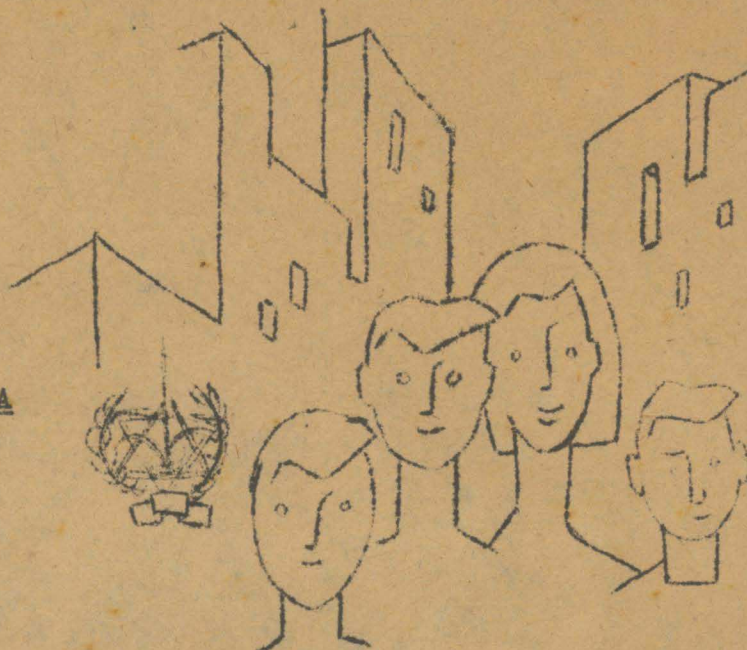
Contam que um membro da polícia civil árabe apresentou-se ao chefe da polícia israeli, propondo-se, afim de ser reintegrado ao serviço, apontar todos os "fydaim" disfarçados. Estava tudo muito bom até que um outro candidato denunciou o primeiro como sergente dos "fydaim".

.....

.....
 Um porta voz oficial do nosso exército afirmou de que foram feitos mais de 5.000 prisioneiros egípcios na rápida campanha.

De nosso lado calcula-se que terão caído nas mãos do inimigo, menos de 20 soldados.

.....

O MOVIMENTO E A PRESENTE LUTA

Perante a luta que presentemente a nação trava, duas são as tarefas que cabe ao movimento preencher, uma interna e outra externa.

A externa, levar ao conhecimento da rua judaica a nossa posição exata sobre esta guerra, suas consequências, suas circunstâncias. Sobre a paz que aspiramos atingir, sobre a inevitabilidade da luta armada que a precedeu, inevitabilidade cuja responsabilidade não cai sobre nós, mas sobre os preparativos e atividades de nossos vizinhos árabes. Sobre nossa posição de agredidos, e não de agressores.

Mas tão importante é a posição interna do movimento perante a presente luta. Já conhecemos da Guerra da Libertação o impulso dedicado e generoso de vir e participar ao nosso lado no grande esforço militar da nação. É um impulso que profundamente respeitamos, a disposição ao sacrifício, a preocupação pelo que acontece aqui nestas horas decisivas, a inutilidade da existência na golá, que nestas horas ressalta especialmente.

Mas deve o movimento compreender que suas tarefas na golá e as coisas para as quais se prepara aqui no país não sofreram nenhuma modificação em seus fundamentos, mesmo na hora presente.

A defesa - hoje nossa atividade primordial - foi sempre um dos aspectos diários de nossa vida. Mas ela não existe fóra da vida, mas como aspecto dela. E nossa vida é de construção: - Defesa, trabalho, reunião dos exilados - aliá pioneira. Nossa defesa é sagrada, porque sagrada é a nossa vida em todos os seus aspectos e atividades. A raiz do trabalho, da defesa da aliá, ela é comum.

Poristo, nossa posição perante o que devem fazer os companheiros do movimento na presente hora é hoje a mesma que foi durante a Guerra da Libertação. O movimento é nesta hora tão frente de luta como a trincheira de Bror Chail. Toda nossa guerra não possui significado se não houver aliá, aliá realizadora, porque ambos são aspectos igualmente importantes do nosso esforço no mergulho do povo, e ambas adquirem significado apenas dentro desta moldura do nosso renascimento. E é o movimento o instrumento para o mandamento primeiro de nosso ideal que se realiza - aliá pioneira.

O que cabe, pois, ao movimento fazer na presente hora?

Sabemos que é justamente nos momentos de comoção nacional, como o atual, que a juventude da golá é mais atingível pela voz do movimento e seu caminho, mais que nos dias comuns. Cabe ao movimento travar a parte da luta que sobre ele recai; aproveitar o momento, cerrar fileiras,

duplicar seus esforços de militância, atirar-se para a rua e fazer aquilo que foi difícil fazer durante todos estes anos: proselitismo em massa. Que os dirigentes e militantes da tnuá reúnem-se disciplinados para o grande esforço e trabalho que a hora presente merece e possibilita, alertas na trincheira que em nossa divisão de forças lhe está destinada, a grande e fundamental trincheira do galut, e nela receber a inspiração e o estímulo da hora presente, desdobrar-se em atividade de acordo com as necessidades e possibilidades do momento: expansão e fortalecimento da tnuá.

E se, livre-nos a sorte, fecharem-se sobre nós as nuvens da adversidade, se nossa luta atingir a margem perigosa do abismo, fiquem certos, nós os chamaremos. Mas a possibilidade de uma catástrofe está muito longe, no presente momento, e não há muito motivo para crer que ela possa se concretizar.

E terminando, as saudações dos companheiros de Bror Chaïl aos companheiros do movimento brasileiro, na hora da luta do movimento e do povo.

Unamo-nos e fortifiquemo-nos ante as grandes obrigações que a hora coloca sobre nossos ombros, cada qual perante suas tarefas e suas responsabilidades.

Mais do que nunca, na difícil hora presente, é nosso futuro de luz, e não de sombra. Saibamos ser dignos desta luz, e não haverá tempestade que conseguirá abalar o Rochedo de Israel.

Vaadat Hatnuá

...

Este DAPIM LATNUA ESPECIAL foi iniciado sábado á tarde, dia 3 de novembro de 1956, enquanto a luta continuava no "front" e o meshek vivia em estado de alerta.

Terminá-mo-lo na noite de 3a. feira, 6 de novembro, quando já cessou o fogo na frente de combate e Bror Chaïl voltou a normalidade dos dias comuns.

A Vaadat Hatnuá agradece a colaboração dedicada dos chaverim Z.F., D.C., R.L.R., E.R., C.Y., V.C., B.R., N.H.F., e outros, que não pouparam esforços para que o DAPIM sôisse em tempo tão curto.

...

...

...

...